



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Antonio Carlos Martinelli

02/06/2020

Introdução - Quem sou eu?

Um habitante do planeta Terra, América do Sul, Brasil, São Paulo, Bairro de Pinheiros, Vila Madalena. Moro só, em um confortável apartamento, maior que minhas necessidades atuais.

Estou, como todos os habitantes do planeta Terra, vivendo uma profunda crise causada por um inimigo invisível, pouco conhecido, mas devastador. Estamos no primeiro semestre do ano de 2020 e a palavra mais usada em várias línguas no mundo é coronavírus ou Covid-19. Um vírus se transmite, à velocidade do vento, de pessoa a pessoa. A Medicina está perplexa, os hospitais abarrotados e as mortes se contam em centenas de milhares.

Quase por unanimidade o único remédio preventivo ainda é o relutante isolamento físico social, uma espécie de prisão domiciliar, para se evitar o alastramento rápido da Pandemia, abarrotando os hospitais. Como o Brasil regionalmente é muito desigual, em recursos e gestão, diz-se que é um continente, as estatísticas evidenciam essas diferenças.

Estou há um mês enclausurado, sem pôr os pés na rua, sem receber ou fazer visitas. Apenas usando meios de comunicação virtual. Como não sou auto suficiente mas interdependente, preciso de muitos produtos e serviços da comunidade. E eles vêm a mim por delivery, forma agora generalizada de compras. Sou um felizardo de classe média.

Entretanto, milhões de brasileiros, trabalhadores informais, autônomos, vivem com o suor do trabalho diário e estão sofrendo muito, com o mantra salvador para quem pode: “fique em casa”. O socorro mínimo vem do governo e de voluntários altruístas, sensíveis à dor e carências do irmão. Essa Pandemia veio escancarar a desigualdade extrema de recursos nas várias regiões das metrópolis e do país. De qualquer modo, todos estão sofrendo do isolamento involuntário, crise social, política e econômica. Que mudanças vão ocorrer no pós pandemia? É uma incógnita.

Como suportar o tédio da clausura?

Para me impor uma rotina diária, criei um programa flexível de atividades “*in door*.” Basicamente durante a parte da manhã me dedico a exercícios físicos para manter minha flexibilidade e saúde. À tarde, me dedico a atividades intelectuais e de lazer, como leituras, música, um curso de inglês *on line*, contatos com amigos e parentes.

Para manter o cérebro ativo, procuro desafiar jogos que puxem pelo raciocínio. Essa rotina afugenta o tédio e a depressão, um dos males que atormentam a humanidade. Às terças-feiras participo de um grupo de psicólogos e afins, maduros, para discutirmos envelhecimento. Agora fazemos por video conferência, uma conquista do grupo utilizando de tecnologia que não havia no tempo de nossa mocidade. Assisto menos televisão, apenas noticiário e esportes em videos. Das fontes de notícias, por jornais, televisão, e *internet* jorra uma quantidade monumental de fatos e suas versões. Muitas dessas notícias são *Fake News*, que longe de informar geram mais confusão.

Por sorte, não conheço nenhuma pessoa contaminada, mesmo porque ela estaria reclusa em casa ou num hospital. Felizmente não tenho parentes ou amigos nessas estatísticas. Por ser uma pandemia, um drama planetário, imagino que nenhum vivente tenha já passado por isso.

A interpretação que faço do fenômeno vai muito além da onipresença de um mero vírus e suas terríveis sequelas. Um pensamento bíblico que me vem à mente é que a humanidade comeu de novo o fruto da árvore do bem e do mal e sobre ela abateu-se uma praga, um aviso estonteante para reflexão e mudanças na ordem das prioridades de valores e ações. O homem chegou à Lua e está explorando o universo, distante milhões de anos-luz da Terra. Mas não enxerga, a seu lado, os extremados patamares de recurso em que se estratifica a humanidade, Parte dela luta, nem sempre de modo ético, pelo dinheiro e poder, a outra, por sobreviver. E nessa luta cega acabou por ameaçar destruir sua moradia de recursos limitados. O paraíso inicial está em frangalhos pela ambição desenfreada que dá origem à ganância e depredação da natureza.

Mas se espera que, após essa catástrofe, deva mudar, para melhor, certos

Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

parâmetros da convivência pessoal, social e universal. Já é um ganho compensatório para a ciência médica, para os gestores políticos e para cada um dos humanos, dependendo de como se comportaram diante do inimigo sorrateiro. É difícil prever a extensão dessas mudanças, desde que os velhos hábitos e sistemas se enraizaram profundamente.

Você está tirando alguma coisa de positivo desse período de quarentena?

Sempre que muda qualquer fator que impacta seu modo de viver, ele acaba por refletir em seu comportamento e sentimentos, seu habitat, suas relações sociais, seus cuidados. O Covid-19, que me lembre, foi um dos mais fortes, porque planetário, de disseminação veloz e letal.

Como estamos no meio da crise, fica difícil avaliar o impacto produzido em cada um. Dadas as condições favoráveis em que me encontro: acomodações, assistência familiar e cuidados pessoais, tenho a impressão de que a crise está lá fora, longe de me alcançar, me sinto seguro. Mas como os números de infectados e mortos crescem exponencialmente, é fácil se ver incluído nessas estatísticas. Esses dois pensamentos, alternados, se traduzem num sentimento fugaz de insegurança. Só vou ter um quadro mais nítido, se sobreviver a esse risco e guardar alguma distância de um período inédito em minha vida.

O que está sendo mais difícil nesse tempo de isolamento?

Acho que é o próprio isolamento e o conseqüente corte em alguns hábitos: sair para andar, frequentar a igreja, academia, fazer as minhas compras, visitar amigos, ir a restaurantes, cinema, enfim, VIVER!

Quais são os seus pensamentos recorrentes?

Nenhum sentimento obsessivo ou escatológico, até agora, grudou em meu cérebro. Acompanho o noticiário e me comovo com casos de pessoas sem recursos de proteção e sobrevivência. Para piorar o quadro, o país atravessa uma crise política sem precedentes, com contradições entre as lideranças dos três poderes. No fim desse ano estão programadas as eleições estaduais. A mídia tem-se distribuído para a cobertura da pandemia e da

crise política.

A fé religiosa ou a espiritualidade entram em suas reflexões habituais?

Para mim a idade abriu espaço para a espiritualidade, no meu caso, a religião católica. Mesmo antes do Covid-19 eu estava retomando a aproximação com Deus.

O conhecimento sistemático que adquiri em filosofia e teologia me levou ao **conhecimento racional** da existência do Transcendente, de um **SER NECESSÁRIO**, responsável pela existência de tudo que é contingente, isto é, que existe mas poderia não existir, (o mal, como a sombra, não existe, o que existe é a ausência do bem) Minha fé se ancora em bases racionais, mas ela é de outra natureza: um dom de Deus.

Essa visão faz com que você enxergue tudo o que acontece a seu redor com um olhar teleológico, inclusive a Covid-19. É possível que Deus esteja sinalizando aos homens para refletirem. Está usando uma ameaça real, desconhecida, microscópica, mas de alcance planetário, sem distinção de qualquer espécie. Mergulhados em nossa fragilidade, buscamos uma referência que dê sentido ao caos. Mas todos os caminhos e apoios são contingentes. Nessa hora é quase instintivo ao homem, seja agnóstico ou ateu, recorrer a uma âncora acima de um mar de dúvidas. Como disse Santo Agostinho: “Fizeste-nos para Ti e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Ti”

Teve que abortar algum projeto por conta do Corona?

Felizmente não, nada que não pudesse ser retomado depois da quarentena. Diferente do plano Collor que simplesmente impediu que eu trabalhasse.

Teve prejuízos materiais?

A Covid não me trouxe prejuízos. Mas lembrem-se que o país já estava mergulhado numa crise financeira, antes da pandemia

Concorda com o isolamento social?

Sim, para quem pode. Com esse vírus desconhecido, sem vacina específica,
Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br

Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

a difusão rápida entre pessoas, só resta o *lockdown*, ou menos radical, o isolamento social, uso de máscara, higiene das mãos.

Para você as coisas serão diferentes após a pandemia?

Vamos encontrar um cenário muito diferente, sem ainda saber quando e como. O ponto crítico será nossa capacidade de adaptação a um país que, este sim, será obrigado a mudar.

Nenhum país sai de uma crise sanitária, social, econômica dessa monta, sem longo sofrimento de todos, principalmente das classes mais necessitadas. Na gestão do país, deverá haver mudanças de prioridades, como a própria Pandemia já determinou.

Para mim ficou em evidência que um terço da população brasileira vive informalmente, do dia a dia. Se não conseguem os poucos recursos para o sustento diário, passam a viver de distribuição governamental e da generosidade alheia, ambos incertos e temporários. Nosso modelo de economia não distribui com equidade as riquezas produzidas entre capital e trabalho. As mudanças esperadas devem se concentrar na Educação e Saúde, únicas portas de saída para a ascensão social.

Como foi a experiência de responder a esses itens?

Para mim, que tenho ojeriza de me expressar por escrito, foi muito benéfica e organizada. Mas fui percebendo que o acúmulo de sensações, sentimentos, novidades diárias na política, tornou o cérebro muito confuso. É a mesma sensação de quando você passa por uma turbulência aérea sem saber quando termina.

Fica difícil isolar pontos específicos porque a vida é naturalmente confusa. Acho que o que escrevi não é a descrição de fatos, mas uma tentativa de filtrar pedaços de uma experiência nunca antes vivida por mim e nem pela humanidade.

Está sendo a terceira guerra mundial que pegou desprevenida toda a humanidade e o exército da saúde contra um inimigo traiçoeiro e invisível. Que saiamos dessa para um Mundo Melhor!